



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de inauguração do Centro Internacional Sarah de Neuroreabilitação e Neurociências
Rio de Janeiro - RJ, 1º de maio de 2009**

Jornalista: O que o senhor acha da revogação da Lei de Imprensa, que aconteceu ontem?

Presidente: Mas eu nem sabia que foi revogada. Não, eu não sabia não. Eu acho que não existe vácuo, acho que não existe. O que nós temos que garantir no Brasil, sabe o que é? É a manutenção da total liberdade de imprensa. A gente pode gostar, não gostar, pode achar ruim, não achar ruim, mas a liberdade de imprensa é o que garante a consolidação do processo democrático deste país.

Jornalista: Presidente, o senhor falou no seu discurso, primeiro, o senhor disse que estava magoado com a CPMF, depois o senhor disse que não estava mais magoado com nada. O senhor está magoado?

Presidente: Eu não disse, estava chateado porque acho que foi um momento, eu diria, contra a saúde deste país. Hoje, se vocês conversarem com os prefeitos, vocês vão perceber que eles estão sentindo os efeitos da falta de recursos para a saúde. Mas um dia as pessoas vão se dar conta de que fizeram uma coisa muito equivocada neste país. Segundo, eu não tenho razão para ter mágoa neste país. Eu não tenho razão. Eu acho que as coisas no Brasil são mais fáceis de serem feitas, as coisas estão acontecendo. Acho que o Brasil vive um bom momento. Acho que o momento... a razão do sucesso é o próprio comportamento do povo brasileiro. Eu acho que nós estamos vivendo



este momento de ouro, em que já começa a crescer a expectativa do empresariado em relação ao ano econômico. Nós temos que continuar fazendo as coisas neste país. Hoje para mim é um dia de glória, com a retirada do primeiro barril de petróleo do pré-sal. É um dia de glória porque é um dia que nós estamos esperando ansiosamente. Se não fossem os nacionalistas da década de 50, que criaram a Petrobrás, a gente não teria isso. Se a gente deixasse que o neoliberalismo determinasse as coisas, o oceano possivelmente já estivesse todo privatizado. Só que nós agora temos uma definição próxima do marco regulatório da nova Lei do Petróleo para garantir ao Brasil sua soberania definitiva na questão energética.

Jornalista: Uma nova empresa é a tendência?

Presidente: Não me pergunte o que vai ser, porque não aprovamos o marco regulatório. Se eu disser para você que é uma tendência, amanhã a sua manchete será: “Presidente disse que vai ter uma nova empresa”. Então, não tem nova empresa. Veja, nós temos uma comissão que está cuidando disso, ainda ontem conversei com a ministra Dilma e com o ministro Guido Mantega que eu quero rapidez nesse projeto de marco regulatório para a gente poder começar a discutir com o Congresso Nacional e com a sociedade brasileira, e dizer ao mundo como é que vai ser a questão do petróleo no Brasil.

Jornalistas: O senhor falou muito em hipocrisia no seu discurso. O senhor considera que o pacto da Câmara proibindo viagens de parentes é hipócrita?

Presidente: O que eu acho é que muitas vezes vocês vendem como novidade uma coisa que é mais velha do que a descoberta do Brasil. Analise a história da Câmara desde quando ela estava aqui no Rio de Janeiro e veja o que acontecia na Câmara, no Senado, é o mesmo que acontece hoje. Ou seja, na



medida que não era proibido, as pessoas utilizavam. Eu fui deputado durante quatro anos. Acho que quando nós resolvemos mudar na Câmara dos Deputados aquela história de salário fixo e de salário variado que existia antigamente, nós achávamos que iríamos moralizar. Aí surgiram outros nomes, outras coisas com outros nomes. O que acho é que o problema do Brasil não é esse, esse é um problema que pode ser corrigido por uma decisão da Mesa. Eu não acho que esse seja o problema do Brasil, nós temos outros problemas sérios para resolver no Brasil, sobretudo para enfrentar a crise econômica.

Jornalista: Mas o senhor acha correto?

Presidente: Eu não acho correto, mas também não acho crime um deputado dar uma passagem para um dirigente sindical ir à Brasília. Eu, quando era deputado em Brasília, muitas vezes convoquei dirigentes da CUT, dirigentes de outras Centrais, para se reunirem, com passagens do meu gabinete. Graças a Deus, nunca levei um filho meu para Europa, para viajar com passagem. Mas eu acho que um deputado levar a mulher para Brasília, qual é o crime? Eu só acho é que vocês dão dimensão demais a uma coisa que pode ser corrigida pela própria Mesa. Isso já está na imprensa há mais ou menos um mês, e nós temos coisas importantes para discutir no Brasil, para aprovar no Congresso Nacional, coisas que vão mudar a economia brasileira, como a política tributária, que nós precisamos votar. Nós precisamos fazer a reforma política neste país, as pessoas precisam entender que nós precisamos fazer a reforma política, como condição de resolver todos esses problemas pequenos que tomam conta, às vezes [por] um mês ou dois meses. Sabe por que fico às vezes angustiado? É porque nós temos que discutir temas importantes neste país. Tem coisas... nós estamos com uma crise econômica... Eu já disse para vocês que estou rezando para o Obama fazer as coisas certas para que os Estados Unidos estancem a crise. O Brasil já está dando sinais



extraordinários de que vários setores da economia estão se recuperando. Ora, mas só vai se recuperar definitivamente quando o mercado internacional se recuperar e as exportações voltarem à normalidade. O crédito aqui no Brasil, o Banco Central já disse isso aqui para vocês, está mais ou menos normalizado. Mas nós temos 30% do crédito brasileiro que era crédito internacional, e esse está escasso. Então, há sempre mais demanda do que dinheiro para oferecer.

Então, o que nós queremos é que o mundo volte à normalidade e discutir esses projetos com muita força. Eu confesso, nós temos, por exemplo, algumas coisas importantes para serem votadas. E dentre elas, eu quero dizer para vocês que tem o projeto da Saúde para ser votado no Congresso Nacional, tem a reforma tributária. O compromisso é que era para ter sido votado em março, e não foi votado até agora. Tem a reforma política, que eu não queria mandar durante seis anos, e tomei a iniciativa de mandar sete propostas para a reforma política. Então, eu penso que era isso que ela deveria estar debatendo nesse instante, no país, para que o país desse um salto de qualidade e pudesse avançar.

Eu saio da Presidência daqui a um ano e meio, e eu quero que este país esteja em um patamar mais alto do que quando eu peguei, para que a pessoa que entrar deixe, depois, em um patamar mais alto ainda. E que a gente se transforme numa grande economia, em definitivo. Eu acho que o Sarah, todos vocês da imprensa deveriam tirar fotografia aqui na frente do Sarah, porque isso aqui pode ser um modelo de saúde para este país, num futuro muito próximo.

Jornalista: O senhor fez uma ampla defesa do gasto público, em especial o gasto com pessoal (incompreensível)

Presidente: Eu não citei nomes, isso já faz a sua...(inaudível).



Jornalista: O senhor não acha um pouco arriscado, neste momento de crise, (incompreensível)

Presidente: Eu não tenho a mesma concepção de gasto público. Certamente, se eu fosse fazer uma avaliação do salário de um jornalista de um jornal brasileiro, certamente todos vocês devem ganhar mais do que o Franklin Martins. Ele ganha R\$ 10 mil por mês. O que estou mostrando é o seguinte: o servidor público brasileiro é mal-remunerado. Se a gente quiser ter uma máquina pública que funcione corretamente, nós poderemos até ter menos funcionários, melhor remunerados, porque aí eles estarão mais motivados. Vamos ver o seguinte, nós aprovamos o piso salarial para professor de R\$ 950. Vocês acham que é muito? Vocês trabalhariam como professores, para ganhar R\$ 950? Tem muita gente que acha que é muito e está entrando na Justiça contra o governo, para diminuir. Se você está construindo 214 escolas técnicas, não tem jeito de não aumentar gasto com salário, porque você tem que contratar professores e técnicos para essas escolas. Se você está fazendo 95 extensões universitárias você tem que contratar professores e técnicos. Se você está construindo quinhentas UPA pelo Brasil, que são Unidades de Pronto Atendimento e pronto-socorro, você vai ter que contratar médicos, enfermeiros e funcionários, você vai ter que melhorar. Se você quer combater a corrupção e contratar mais policial federal, você tem que aumentar o gasto. Ou será que seria melhor para o Brasil a máquina pública atrofiada como nós pegamos, em que não tinha fiscais do Ibama, fiscais do trabalho, não tinha sequer médico para fazer perícia, porque houve uma greve no ano 2000 e por conta disso acabou-se com a perícia e um paciente que ficasse doente e fosse receber um benefício, ele ficava às vezes oito meses para marcar uma consulta com o especialista. Hoje você pega o telefone, você pode fazer o teste: disque 135 e você vai ver quanto tempo você leva para marcar uma perícia médica. Se demorar mais que cinco dias eu dou o pescoço para você cortar aí. Então,



essas coisas são assim, uma aposentadoria aqui... Eu trabalhei no sindicato cuidando de aposentadoria. Entre eu pegar a papelada do trabalhador, calcular e dar entrada na agência, demorava dois anos, às vezes. Hoje, em meia hora o trabalhador recebe o sua aposentadoria. Uma mulher que demorava de 90 a 120 dias para o receber auxílio natalidade, ela recebe hoje em 15 minutos. E a partir de junho o trabalhador vai estar em casa...Você vai receber... É muito novo, não. Você vai receber uma carta assim: “companheiro, você completou o tempo de contribuição, você tem direito à aposentadoria, o seu salário é tanto. Se você quiser se aposentar, venha à Previdência e se aposente.”

Eu acho que para melhorar a máquina, você tem que ter gente qualificada, motivada e bem-remunerada. Esse é o desafio porque, senão, a máquina não funciona. A máquina, atrofiada, fica muito mais cara, custa muito mais. Veja um hospital deste que você viram aí, tem 38 médicos, não é isso? Trinta e dois médicos. Agora, o que acontece? Quando o paciente vem aqui, o paciente tem aqui uma espécie de “toyotismo.” Sabe o que é? O cidadão vem com um problema, e se detectam que é outro, não mandam ele embora para casa para procurar outro médico. Chamam o médico que já está aqui dentro, colocam todo mundo em torno de uma mesa, tomam a decisão e cuidam do paciente. Fica muito mais barato. Agora, é muito mais bonito, não é? Deus queira que eu não precise, mas se eu precisar um dia e tiver uma internação no Sarah, eu vou ficar muito agradecido, até porque a Marisa vai aprender a tratar bem de mim.

No mais, gente, eu espero vocês no pré-sal.

Jornalista: A máquina estatal, a máquina da Saúde está realmente preparada para a gripe suína, no país?

Presidente: Aqui é com o meu Ministro da Saúde. E agora vai falar com vocês o ministro Temporão.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31EGJLP)